

CARLOS FORTUNA

PATRIMÓNIO COM FUTURO...OU SOBRE A RESILIÊNCIA DAS CIDADES

HUGUES DE VARINE

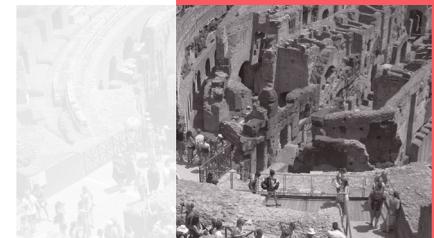
MUSEU, CIDADE E TERRITÓRIO

VÍTOR OLIVEIRA JORGE

ARQUEOLOGIA 2016 - UM INVENTÁRIO DE DESILUSÕES?

JOÃO SEIXAS

A CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO



REVISTA PATRIMÓNIO NÚMERO QUATRO DEZ. 2016 15€

DAVID SANTOS

O MUSEU INIMAGINADO. MEDIAÇÃO E COLEÇÕES ONLINE - O CASO DO RIJKSMUSEUM

NUNO GRANDE
ROBERTO CREMASCOLI

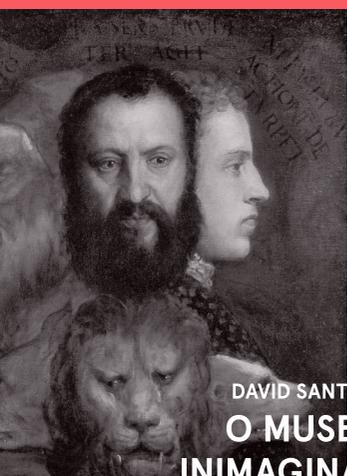
VIZINHANÇA: UM PATRIMÓNIO AMEAÇADO NA EUROPA CONTEMPORÂNEA

JOSÉ ANTÓNIO BANDEIRINHA

AS LAVADEIRAS DO MONDEGO E A DIGNIDADE DO INSTANTE: DUAS LEITURAS SOBRE A QUESTÃO DO PATRIMÓNIO

RAQUEL HENRIQUES DA SILVA

MUSEUS INCLUSIVOS: CONHECER PARA VER





↑ Siza com vizinho de Veneza.
Nicolò Galeazzi, 2016.

→ Siza com vizinhos de Berlim.
Nicolò Galeazzi, 2016.

↘ Siza com vizinha de Haia.
Nicolò Galeazzi, 2016.



A Europa vive atualmente uma crise identitária. Os mecanismos de defesa do património material são hoje insuficientes para salvaguardar o grande património imaterial europeu: as pessoas e as suas relações cidadãs, paulatinamente conquistadas, ao longo da História, com base em valores de proximidade, de tolerância e de multiculturalismo; enfim, com base no exercício da "vizinhança", conceito intrinsecamente ligado à ideia de Europa.

Que património social se deve então salvaguardar em face de fenómenos como a "guetização", a "gentrificação" e a "turistificação" das cidades europeias? Partindo de quatro bairros projetados por Álvaro Siza – em Veneza, Haia, Berlim e Porto –, mas sobretudo da sua exposição e análise na XV Bienal de Arquitetura de Veneza de 2016, este texto procura reencontrar esses lugares onde reside ainda a Europa das múltiplas identidades, feita de múltiplos vizinhos.

Vizinhança: um património ameaçado na Europa contemporânea

Nuno Grande
Roberto Cremascoli

Curadores do Pavilhão de Portugal na XV
Bienal de Arquitetura de Veneza 2016



Uma crise identitária

A Europa vive tempos conturbados em face de mudanças geopolíticas em curso dentro e fora do seu espaço geográfico. Como é sabido, esse espaço alterou-se ao longo das últimas décadas, com base num processo comandado pelo otimismo económico da União Europeia, que sempre encarou o seu alargamento como uma oportunidade de estender a Zona Euro e o Espaço Schengen a novos países e povos, fomentando o investimento e o comércio transnacional no quadro da globalização. Nesse processo, as questões culturais e sociais parecem ter ficado sempre em segundo plano; ou seja, a União Europeia cresceu geográfica, política e economicamente sem nunca refletir, de modo crítico, sobre o impacto desse crescimento nas múltiplas identidades internas. A recente e conturbada reação à vaga de refugiados do Médio Oriente, a reemergência dos sentimentos nacionalistas em muitos países, e a progressiva intolerância étnica e religiosa verificada em muitos meios urbanos, expõem abertamente a ausência dessa reflexão. A crise europeia é hoje, essencialmente, uma crise identitária.

Paradoxalmente, nunca como hoje se desejou tanto salvaguardar a identidade histórica da Europa – a excecionalidade patrimonial das suas cidades, das suas arquiteturas, dos seus monumentos e tesouros –, visão que tomou conta dos discursos «politicamente corretos» dos governantes do Velho Continente: dos eurocratas aos regentes nacionais, dos gestores dos bens patrimoniais aos autarcas municipais. No entanto, cabe-nos perguntar como é que esse mesmo discurso patrimonialista – centrado no valor dos espaços, dos edifícios e dos objetos, – se

pode alargar aos valores humanos representados pelos antigos e pelos novos habitantes das cidades europeias, em face dos crescentes processos de migração e de diversificação cultural que nelas ocorrem? E que património social devemos nós salvar e guardar em face de fenómenos como a «guetização», a «gentrificação» e a «turistificação» nessas cidades?

Os mecanismos de defesa do património material são hoje insuficientes para salvaguardar o grande património imaterial europeu: as pessoas e as suas relações cidadãs, paulatinamente conquistadas, ao longo da História, com base em valores de proximidade, de tolerância e de multiculturalismo; enfim, com base no exercício da «vizinhança», conceito, para nós, intrinsecamente ligado à ideia de Europa.

A crise identitária que descrevemos – a mesma que vem alimentando visões e ações protecionistas, nacionalistas, racistas e xenófobas em muitos países europeus – resulta essencialmente de uma crise de «vizinhança».

O desafio da Bienal de Veneza

Por outro lado, a Europa sempre criou espaços de exposição e de debate multidisciplinar sobre os seus feitos civilizacionais, tecnológicos e artísticos. As grandes Exposições Internacionais e as afamadas Bienais de Arte e de Arquitetura fazem parte desse legado expositivo e reflexivo que provém do século XIX. A Bienal de Veneza é disso um exemplo eloquente, e foi precisamente no quadro desse palco global que decidimos, enquanto arquitetos e curadores de arquitetura, colocar o tema da «vizinhança» à prova: afinal, que melhor lugar para



Exterior do Pavilhão de Portugal, Veneza.

Nicolò Galeazzi, 2016.

questionar as identidades sociais e culturais europeias do que a «cidade-património» por excelência da Europa?

Respondendo ao convite do Ministério da Cultura do Governo de Portugal para curar os conteúdos do Pavilhão de Portugal na XV Bienal de Arquitetura de Veneza de 2016, decidimos apresentar uma proposta que interagisse diretamente com o tecido físico e social daquela cidade, expondo, simultaneamente, o que ocorre noutras «vizinhanças» europeias.

Perante a impossibilidade de realizar o Pavilhão de Portugal no coração da Bienal – no espaço dos Giardini ou do Arsenal, onde o nosso país não possui espaço oficial – propusemos localizá-lo num lugar expectante de Veneza, lá onde a representação portuguesa pudesse contribuir para interpelar os venezianos remanescentes. O espaço escolhido foi o Campo di Marte, na ilha da Giudecca, menos sujeito às pressões turísticas e artísticas geradas pela Bienal.

A ideia surgiu de um facto prosaico, mas muito significativo para a temática que desejávamos debater: desde 1985, o celebrado arquiteto português Álvaro Siza coordena um plano de regeneração urbana na extremidade nascente dessa ilha, processo esse afetado por inúmeras vicissitudes. Integrado no plano, Siza possui um projeto de habitação social, parcialmente construído, mas que se encontra interrompido desde 2010, por falência do construtor. Ao propormos a ocupação desse lugar em construção, instalando o Pavilhão de Portugal no interior da obra suspensa, esta transformou-se de imediato num motivo de interesse para os promotores do empreendimento – o instituto italiano para a habitação social (ATER) –, mas também de debate entre os vizinhos do Campo di Marte, e sobretudo de responsabilização do município pela lenta regeneração urbana da ilha. Inesperadamente, o pedido do Governo Português para ali instalar o seu pavilhão despoletou o processo de conclusão do edifício de habitação social de Álvaro Siza, por parte das autoridades locais, algo que ocorrerá a partir de novembro de 2016, após o encerramento da Bienal.

No mesmo sentido, o plano e o projeto de Álvaro Siza para a Giudecca serviram de base à temática do Pavilhão de Portugal: narrar a notável relação desse arquiteto com diferentes culturas urbanas, expondo o modo como, ao longo de mais de 40 anos, ele pensou os seus bairros de habitação social em cidades tão distintas quanto Veneza, Haia, Berlim e Porto. Pretendia-se, no fundo, demonstrar como Siza soube construir verdadeiras «vizinhanças» europeias, e, numa leitura inversa, aferir até que ponto estas estão também sujeitas à crise de valores de «vizinhança» na Europa.

O tema apresentado por Portugal respondeu diretamente ao desafio lançado pelo curador-geral da Bienal de Veneza de 2016 – o arquiteto chileno Alejandro Aravena – aos diversos países presentes no certame, no sentido de reportarem casos reais, presentes em distintas frentes urbanas (*Reporting from the Front*), e nos quais a ação do arquiteto se tenha revelado determinante para a vida das populações.

Finalmente, e a juntar a todas essas referências, o Pavilhão de Portugal homenageou a longa relação de Álvaro Siza com a cultura italiana, e sobretudo com um arquiteto seu contemporâneo: Aldo Rossi (1931-1997). Com Rossi, Siza aprendeu a ler a cidade histórica a partir das suas «invariantes» patrimoniais e das suas «memórias coletivas», conceitos explanados pelo arquiteto italiano na notável obra *A Arquitetura da Cidade* (1966). A Rossi, Siza atribuiu, logo em 1986, uma parcela do seu plano para o Campo di Marte, em Veneza, na qual este projetou um dos seus derradeiros edifícios.

A participação portuguesa na Bienal de Arquitetura de Veneza 2016 ganhou assim um título – *Vizinhança: onde Álvaro encontra Aldo* –, resgatando a ideia de que ser «vizinho», em qualquer cidade europeia, é também ter a oportunidade de desfrutar do estimulante encontro com o «outro», tantas vezes oriundo de outra geografia, de outra cultura.

O vizinho Álvaro

Como se depreende, a representação portuguesa na Bienal de Veneza de 2016 ultrapassou a sua condição de mera exposição de arquitetura para dar lugar a um manifesto pela ideia de «vizinhança». É certo que, até novembro de 2016, nela se representam, sob diversas formas, as maquetas, os esboços e os desenhos técnicos de quatro bairros de Álvaro Siza; mas, dentro do espaço expositivo, no seio daquela obra em construção, cada um desses lugares surge agora como um «microcosmos» do património cultural e social europeu.

Esse olhar só se tornou possível porque convidamos Álvaro Siza a regressar, décadas depois, às cidades por onde passou e aos bairros que projetou, analisando a sua evolução enquanto espelho das próprias sociedades em transformação. Esse desafio – que Siza aceitou com grande amabilidade –, levou-nos a viajar, na sua companhia, entre os meses de janeiro e março de 2016, pelos bairros de Veneza (Campo di Marte), Haia (Schilderswijk), Berlim (Schlesisches Tor) e Porto (Bairro da Bouça).

A viagem contou com a parceria de uma equipa de jornalistas da televisão e da imprensa escrita – coordenada pela jornalista Cândida Pinto (SIC/Expresso) –, a qual, a partir do extenso material captado em vídeo e fotografia, ao longo das visitas, produziu quatro filmes para o Pavilhão de Portugal, mas que, de facto, se dirigem a um público mais alargado – integram a série «Vizinhos», atualmente em exibição no canal SIC Notícias.

Nesses registos, é possível ver um afamado arquiteto Pritzker a confrontar-se com as perversas mutações da sua obra – um gesto raro no panorama arquitetónico internacional –, passeando pelos seus bairros, entrando nas casas que desenhou, conversando com os seus habitantes, ouvindo as suas histórias e as suas queixas. Em todos esses momentos Álvaro torna-se um vizinho entre muitos.

Vejamos, pois, como essa experiência nos permitiu perceber e debater os temas que ameaçam hoje as relações de «vizinhança» na Europa¹.

Para lá da «turistificação» de Veneza

O projeto de Álvaro Siza para a área do Campo di Marte resultou de um concurso limitado por convites, lançado em meados da década de 80, em torno de uma área residencial muito





degradada (e parcialmente demolida) da ilha da Giudecca. Álvaro Siza desenhou um tecido urbano ordenado e ritmado, com base na estrutura alongada do antigo cadastro, traçado de norte para sul – entre o canal da Giudecca e a Laguna –, e retomando alguns dos arquétipos arquitetónicos existentes nesta ilha: galerias, pórticos, pátios, *loggias*. Para o efeito, estudou criteriosamente a análise urbana desenvolvida por Egle Trincanato (investigadora do Istituto Universitario di Architettura di Venezia), no seu seminal livro *Venezia Minore*, publicado em 1948. Nele aprendeu a conhecer as invariantes tipológicas desse tecido habitacional, de cariz operário, que deu forma ao interior da ilha da Giudecca, e do qual emergiram, por contraste, as igrejas e os palacetes que bordejam o canal e a lagoa. Assumindo essa influência, Siza optou, no seu plano geral, por uma composição urbana coesa, pela uniformidade de cêrceas, e por ritmos constantes de janelas dispostas ao longo de extensas fachadas. Somente uma parte desse conjunto foi edificada, com projetos do próprio Álvaro Siza (para já, apenas numa frente), Aldo Rossi e Carlo Aymonino (quarteirões já terminados).

Ao regressar ao Campo di Marte, em fevereiro de 2016, Siza conheceu alguns dos habitantes da parte concluída do seu projeto. O encontro permitiu-lhe compreender o modo como a população se apropriou dessas tipologias edificadas, mas também dos espaços coletivos. Visitando diferentes vizinhos, com eles conversou, fumou e brindou, ao longo de uma animada tarde de convívio. Ali ouviu dizer, em dialeto local, que a Giudecca é a última ilha onde moram os autênticos venezianos, em contraste com a acelerada «turistificação» da ilha central em torno do Grande Canal. No Campo di Marte, Siza compreendeu porque valeu a pena estudar a forma urbana e a vida social dessa *Venezia Minore*, na qual é ainda hoje possível construir verdadeiros laços de vizinhança.

A «guetização» dos bairros sociais de Haia

Em 1984, Álvaro Siza foi convidado pelo município de Haia a redesenhar uma área degradada e estigmatizada da cidade – o bairro de Schilderswijk – e ali construir novas frentes de habitação social. No bairro viviam, em igual percentagem, famílias holandesas e famílias imigrantes, sobretudo da Turquia, Marrocos, Cabo Verde e Suriname. Após visitar o lugar e escutar os desejos dos habitantes – acompanhado por uma equipa de assistentes sociais –, Álvaro Siza projetou duas fases de construção: a frente de Punt Komma (1986–1989), e a área da Jacob Catsstraat (1989–1993). Em ambas retomou a morfologia dos quarteirões históricos da cidade, utilizando o seu revestimento dominante – o tijolo –, e recriando um espaço tradicional de acesso aos edifícios a partir da rua: o *Haagse Portiek*. Esse pórtico permite, através de uma larga escada exterior, aceder a um patamar comum às entradas para os novos apartamentos. Esta revisita «culturalista» à história de Haia foi acompanhada pela criação de tipologias habitacionais flexíveis, adaptadas às diferentes vivências familiares e sem discriminações espaciais em função da origem cultural ou religiosa dos seus habitantes.

A proposta de Siza foi debatida previamente com vizinhos de todas as origens, a partir de simulações dos espaços interiores, realizadas à escala real, com as quais todos puderam conhecer a configuração dos novos apartamentos e propor possíveis alterações, num método participativo de verdadeiro *empowerment* social.

→

Interior do Pavilhão de Portugal, Veneza
Nicolò Galeazzi, 2016.

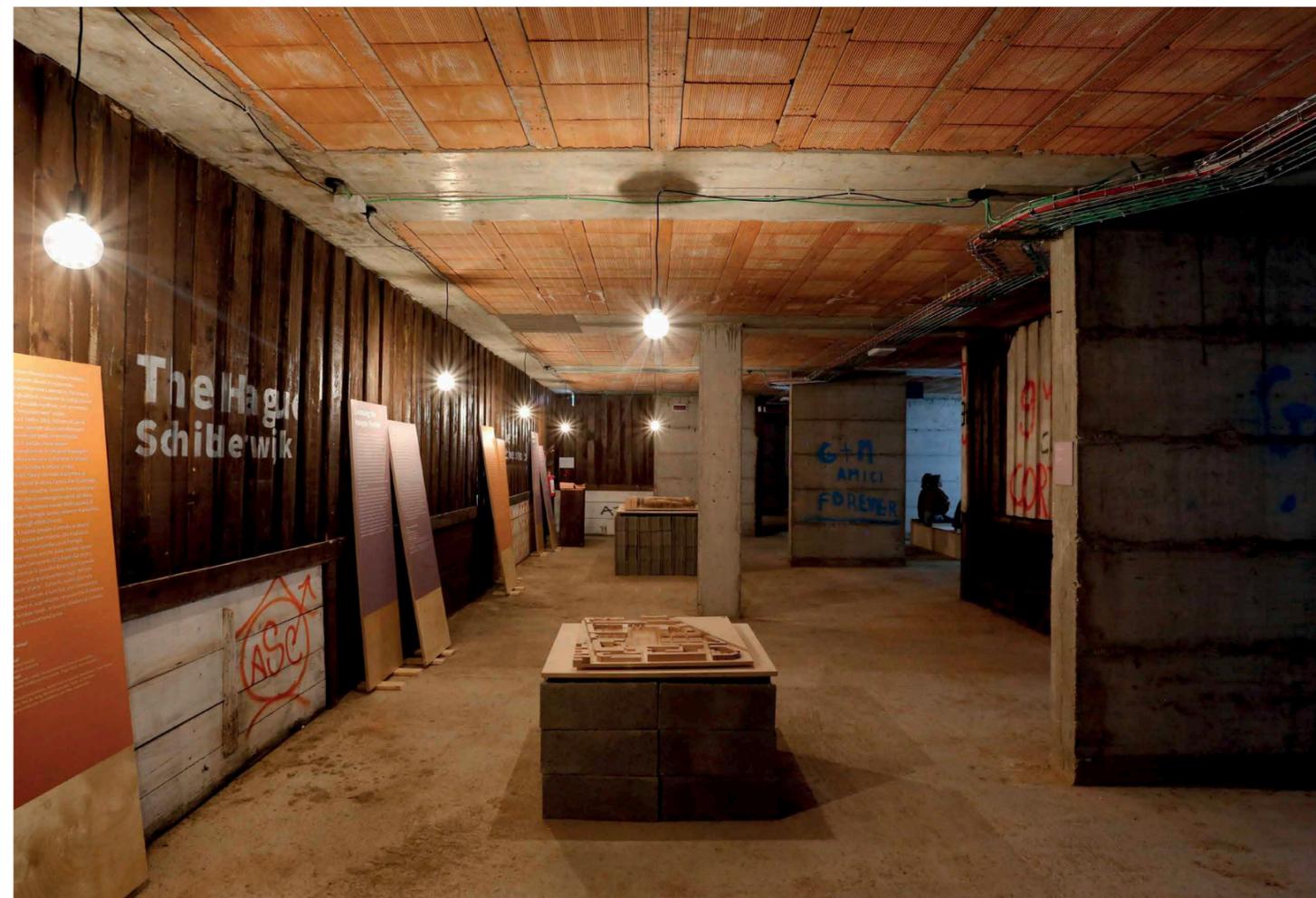
Em março de 2016, regressamos com Álvaro Siza ao bairro de Schilderswijk, na companhia de membros da antiga verreação municipal, e visitamos algumas famílias turcas, sírias e marroquinas que ali se fixaram ao longo dos últimos 25 anos. Após atravessar o *Haagse Portiek*, o grupo entrou em diversas casas, descalçando-se, sentando-se confortavelmente nas salas, conversando com as famílias e bebendo chá. Ali disseram-nos que a *vox populi* holandesa vem menosprezando a vida do bairro, considerando-o um «gueto» e descrevendo-o como o «Triângulo da Sharia» (90% da sua população é hoje islâmica). No entanto, esse dia de visita tornou evidente, para todos nós, que a anunciada «guetização» do bairro é, antes de mais, um alibi da retórica política mais conservadora, esgrimido por facções da extrema-direita holandesa. Em Schilderswijk, as boas relações de vizinhança mantêm-se e recomendam-se.

A «gentrificação» da Berlim reunificada

Quando Álvaro Siza visitou Berlim no final da década de 70, a cidade permanecia, há mais de 15 anos, cercada por um Muro físico e político, um dos principais símbolos da Guerra Fria. Marcada ainda pelas feridas da II Guerra Mundial, Berlim iniciava então a sua «reconstrução crítica» no âmbito do processo urbanístico IBA (*Internationale Bauausstellung*, 1979–1987). Nesse processo, Siza apresentou-se a concurso com uma proposta de regeneração de um quarteirão de Schlesiisches Tor, em Kreuzberg – bairro histórico da periferia de Berlim Ocidental, nas imediações do Muro, caracterizado por uma população em mudança, em parte devido à chegada de imigrantes turcos e de jovens artistas *squatters*.

Siza venceu o concurso em 1980, com base numa proposta que interpretava criticamente os fragmentos e os vazios urbanos ali deixados pela destruição da guerra, procurando integrá-los numa composição sensível, que não reconstruía totalmente o quarteirão, antes deixava adivinhar a riqueza do seu interior. De igual modo, e evitando uma excessiva «higienização social», Siza integrava algumas das principais aspirações dos habitantes, propondo dois equipamentos sociais inseridos no seio do quarteirão: um Infantário e um Centro de Dia para idosos. Por fim, numa das esquinas da Schlesiische Strasse, o arquiteto português desenhava um edifício de habitação de sete pisos, aprendendo, uma vez mais, com a riqueza arquitetónica envolvente. Nesse sentido, diversificava as tipologias de habitação, tornando-as flexíveis em face da multiplicidade social e cultural dos seus habitantes. Um irónico graffiti, de inspiração literária, pintado na platibanda curva do edifício – *Bonjour Tristesse* – marcaria, por fim, a primeira «apropriação» crítica por parte dos vizinhos, desafiando o desenho regular das suas janelas e a cor melancólica das suas fachadas.

Em março de 2016, 30 anos após a conclusão deste processo, regressamos com Álvaro Siza a Kreuzberg. Percorremos os jardins do Infantário, subimos à cobertura do Centro





←

Interior do Pavilhão de Portugal, Veneza

Nicolò Galeazzi, 2016.

de Dia, recebemos a calorosa recepção dos usuários mais idosos. No edifício «Bonjour Tristesse», hoje em lenta reabilitação, reencontramos alguns dos seus primeiros habitantes, de origem turca, mas percebemos que o imóvel se encontra em processo de «gentrificação» cultural e social. Adquirido por um fundo imobiliário austríaco, os seus apartamentos e lojas recebem hoje novos arrendatários – restaurantes temáticos, no piso térreo, arquitetos, *designers*, atores e realizadores de cinema, nos pisos superiores –, na maioria dos casos à custa da expulsão de famílias e atividades preexistentes. Na verdade, Kreuzberg, outrora periférico, tornou-se no centro da vida cosmopolita da nova capital da Alemanha reunificada. O Muro de Berlim caiu há quase 30 anos; novos vizinhos habitam o bairro desde então, sem necessariamente criarem verdadeiros sentidos de «vizinhança».

Cruzamentos interclassistas no centro do Porto

No verão de 1974, apenas três meses após a Revolução de 25 de Abril, Nuno Portas, então Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, lançava o despacho legal do SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local), o qual permitia às populações mais carenciadas organizarem-se e lutarem politicamente pelo «direito à habitação» e pelo «direito à cidade», permanecendo nos seus lugares de origem ou de residência. O programa conduziu à realização de projetos de realojamento propostos

por diferentes arquitetos, num diálogo permanente com as associações de moradores, entretanto formadas. Na Bouça, no centro do Porto, diversos terrenos foram então «ocupados» pelas populações, facto que envolveu diretamente Álvaro Siza, autor de um projeto de realojamento anteriormente destinado àquele bairro. Recetivo às novas exigências dos habitantes da Bouça, o arquiteto readaptou o projeto de modo a nele poder integrar um maior número de moradores carenciados.

Na sua proposta, Siza partiu de uma dupla visita histórica: por um lado, interpretando as formas e os espaços intersticiais dos antigos bairros populares do Porto: as «ilhas»; por outro, evocando os modelos eruditos da habitação operária, desenvolvidos pelas vanguardas modernas europeias nas décadas de 20 e 30. Dessa «fusão» resultou o novo Bairro da Bouça. Entre 1975 e 1976, construíram-se dois blocos de apartamentos em banda, de quatro pisos (2 *duplex*), com entradas diretas a partir da rua ou de uma galeria elevada. A relação de vizinhança passava então a exercer-se no uso quotidiano dos diferentes pátios alongados, entre os blocos de habitação, alguns marcados por uma sucessão de escadas exteriores multifuncionais.

O projeto seria subitamente interrompido, no final da década de 1970, com a descontinuação do programa SAAL. A partir de então, as políticas de alojamento social passaram para a administração dos municípios, num sistema de representatividade eleitoral adverso aos modelos de democracia «participativa», como os que tinham caracterizado o processo

anterior. Durante 20 anos, o bairro permaneceu amputado, e progressivamente degradado, até ao momento em que a associação de moradores, em articulação com outra cooperativa de habitação, propôs ao município terminar o conjunto proposto por Siza. Essa iniciativa permitiu-lhe retomar o projeto, demonstrando o sentido de adequação arquitetónica e de integração urbana da sua proposta. O complemento do bairro, inaugurado em 2006, trouxe inevitavelmente novos residentes de distintas condições sociais e culturais para o lugar.

Em 2016, uma década após a conclusão do bairro, Álvaro Siza revisitou-o, entrando nas casas de diversos vizinhos e indagando-os sobre o modo como nelas viviam. Ali reencontrou alguns dos primeiros habitantes que, com o seu apoio, tinham lutado pela formação da associação de moradores, em 1974. Ouviu as suas queixas sobre o processo de conclusão das obras, e de como muitos dos seus companheiros não tinham querido ou podido regressar às novas casas que lhes estavam destinadas. Noutras visitas, Siza percebeu o resultado do processo de «gentrificação» social, conhecendo jovens arquitetos, *designers* e artistas, hoje proprietários das casas colocadas no mercado imobiliário pela cooperativa de habitação. Evitando tecer falsos moralismos, Álvaro Siza compreendeu que o bairro já não fazia apenas parte do seu imaginário revolucionário, de há 40 anos, mas que se tinha transformado num fragmento interclassista, intercultural e intergeracional da cidade contemporânea. Que melhor condição, afinal, para a construção de uma nova vizinhança?

Uma Europa feita de vizinhos

As múltiplas vivências e questões que acabamos de descrever foram documentadas no interior e no exterior do Pavilhão de Portugal na Bienal de Arquitetura de Veneza 2016, interpelando quem passa no Campo di Marte a refletir sobre a sua própria condição de «vizinho». Na paliçada exterior que circunda o edifício em construção, fotografias de grande escala, obtidas nas quatro viagens, convidam o passeante a «entrar» nos ambientes domésticos visitados pelo arquiteto e a colocar-se na pele desses cidadãos. A Giudecca passou assim a ser «habitada» por moradores de Haia, Berlim e Porto, e não são raras as vezes em que podemos observar os *giudeccini* a confrontar-se com os seus próprios ambientes retratados. Existe ali um sentido de partilha que ultrapassa geografias, culturas, religiões ou condições sociais; ali revela-se uma Europa feita de vizinhos.

A nova paliçada veio substituir uma anterior, envelhecida pelo tempo, mas onde eram visíveis os *graffitis* de protesto comunitário contra o impasse das obras de regeneração do Campo di Marte. Essa paliçada foi por nós reaproveitada para revestir internamente o Pavilhão de Portugal, dando voz aos vizinhos locais. Ali conseguem ler-se palavras de ordem como: «Não aos despejos!»; ou «É uma vergonha, basta de espe-

culação!»; ou ainda «As casas para quem delas precisam!». Podiam, na verdade, ter sido escritas em qualquer um dos bairros e tempos retratados pela exposição.

Como percebemos, o trajeto profissional de Álvaro Siza tem sido marcado pela constante gestão de conflitos políticos e sociais, sendo ele o único premiado Pritzker a desenvolver extensos programas de habitação social, em vários contextos europeus, e, mais do que isso, a querer debater abertamente o tema. Essa vontade resulta do seu entendimento humanista e universalista da cultura europeia, forjado no contacto com populações desfavorecidas ou socialmente desenraizadas, muitas delas formadas por minorias étnicas de distintas origens culturais. Sem nunca enveredar por paternalismos ou moralismos, Siza sempre se recusou a pensar e a projetar espaços exclusivos para cada uma dessas etnias, preferindo encontrar denominadores tipológicos comuns que permitam dar o mesmo *habitat* aos mais diversos tipos de habitante. Isso implica, sempre, da sua parte, uma observação crítica das condições de vida locais.

Como constatamos, os bairros sociais de Siza estão hoje sujeitos a fenómenos que colocam novos problemas às relações de vizinhança já enraizadas. A acelerada «turistificação» de Veneza irá sem dúvida atingir os arrendamentos locais na ilha da Giudecca, podendo conduzir ao êxodo dos habitantes de um dos únicos lugares onde ainda se conservam algumas dessas relações ancestrais. A «guetização» do bairro de Schilderswijk, em Haia, inscreve-se na polarização política que hoje se vive no norte da Europa, em face do ressurgimento dos nacionalismos, e da progressiva ostracização do Islão, visto, por muitos holandeses xenófobos, como o principal fomento do jihadismo. A «gentrificação» do bairro de Kreuzberg em Berlim, ou do bairro da Bouça, no Porto, pode gerar, como percebemos, distintos resultados: a expulsão das populações originais e a substituição das relações de proximidade por outras mais impessoais; ou, noutro sentido, um novo cruzamento de vizinhos de diferentes gerações, culturas e condições sociais, num equilíbrio instável, mas possível.

Os centros das cidades europeias são cada vez mais espaços pensados para os «utilizadores» urbanos (*city users*) e cada vez menos para os «vizinhos» urbanos (*city tenants*). Em muitos desses centros, os sentidos de «pertença» estão a ser substituídos por vivências turístico-residenciais totalmente desenraizadas – veja-se o crescimento do fenómeno Airbnb –, ou por vivências sectárias e securitárias totalmente excludentes – veja-se a proliferação dos denominados «condomínios fechados».

É fundamental resgatar o saudável exercício da «vizinhança» como contributo para ultrapassar a atual crise identitária da Europa. Nesse resgate, será necessário olhar para muitos dos seus bairros históricos e contemporâneos – como os de Álvaro Siza –, onde ainda encontramos redutos desse exercício de cidadania. Neles reside, estamos certos, essa Europa das múltiplas identidades, feita de múltiplos vizinhos.

NOTA

1. A descrição dos casos apresentados tem como base o conjunto de textos dos curadores editados para a exposição do Pavilhão de Portugal na Bienal de Veneza de 2016. V. Nuno Grande e Roberto Cremascoli – *Neighbourhood: Where Álvaro meets Aldo* (Portuguese official representation at the XV Architecture Exhibition, La Biennale di Venezia 2016 – Press Kit). Lisboa: DGArtes, Ministério da Cultura, 2016.